



O FORTALECIMENTO DO CRISTIANISMO NO MUNDO ROMANO: O CONFLITO ENTRE AS IDÉIAS CRISTÃS E O PAGANISMO

Rodrigo Gonçalves de Souza (Mestrando-UEM)

rodrigo_souza1985@hotmail.com

Renata Lopes Biazotto Venturini (DHI/PPH-UEM)

No mundo romano, a ideologia esteve por séculos alicerçada na filosofia estoíca, modelo representado pela aristocracia, detentora do poder político. Embora ela já não refletisse a mesma imagem que representou ao longo dos dois primeiros séculos da era cristã, a moral estoíca assegurava os ideais e valores difundidos pela aristocracia romana. Entretanto, foram nos períodos de crise que esse modelo passou por uma profunda revisão, e seus fundamentos passaram a ser questionados. A crise propiciou o crescimento do Cristianismo, que passou a conquistar um número cada vez maior de adeptos em todo o território romano. Portanto, o objetivo desse trabalho será discutir as transformações que ocorreram no campo da idéias. Procuraremos abordar o fortalecimento do Cristianismo primitivo enquanto nova orientação moral, em oposição aos valores pagãos do Estoicismo, bem como compreender o cenário do Baixo Império Romano, palco dos conflitos entre paganismo e cristianismo.

A partir do final do século II d.C. a expansão do império encontrara seu termo. Roma passou a ser assolada por um longo e contínuo período de transformações que, segundo Geza Alföldy (1989), podem ser caracterizadas por um período de “ferro e ferrugem”, evidenciando uma fase de desestruturação, marcado por rupturas dolorosas e traumáticas no interior da sociedade tardo romana. A “Idade de Ouro” do Império Romano revelava, no final do século II d.C., sinais aparentes de crise. A prosperidade econômica e a bem sucedida administração política do Alto Império tornaram-se uma pálida sombra do esplendor de outrora. A *Pax romana* nada mais era do que uma saudosa lembrança do passado. Pobreza generalizada, falta de liberdade e opressões passaram a compor o cenário da Roma antiga durante o período do Baixo Império Romano.

Recorrer a uma abordagem idealista, a de que a crise estava estreitamente vinculada aos problemas econômicos que abalaram a sociedade romana tardia, não possibilita explicar um problema que se apresenta com sintomas ainda mais profundos. A crise foi resultado de múltiplos fatores: instabilidade e declínio moral da política imperial, o problema religioso, miséria e penúria que atingiram grande parte da população em decorrência da crise

na agricultura, invasões bárbaras e guerras civis. A estrutura social romana passou por sérias rupturas, com o declínio da aristocracia e a formação de novas camadas sociais que estavam à margem da organização tradicional, reivindicando espaço e participação política. A respeito da crise, Alföldy escreveu:

“A morte desse imperador (Marco Aurélio), foi interpretada por Cássio Dião como o fim de uma época de ouro e o princípio de uma época de ferro e ferrugem, devido a crise política da autocracia de Cômodo (180-192) e a transformação das estruturas do Poder nos reinados de Septímio Severo (193-211) e seus sucessores (71,36,4). No tempo de Filipe (244-249), um observador comparava o Império romano a um corpo doente e em decomposição e a um navio sem rumo condenado a afundar-se. Alguns anos mais tarde, São Cipriano anunciava a aproximação do fim do mundo e nos reinados de Valeriano (253-260) e de Galieno (253-268), o império parecia estar condenado a acabar devido aos ataques dos bárbaros e a decomposição interna. Poderemos, portanto, falar de uma crise generalizada do mundo romano, cujos principais elementos constituintes podem ser identificados nos seguintes fatos: a instabilidade do sistema que até aí imperava em Roma, a transformação acelerada das estruturas a ele subjacente e a constatação por parte dos contemporâneos de que assistiam a uma época caracterizada pela instabilidade e pela mudança, que se opunha às anteriores.” (1987, p. 172-173)

Nosso objetivo será o de discutir as transformações que ocorreram no campo das idéias, em particular, a introdução de novas posturas morais e espirituais, na tentativa de suprir o vazio ideológico que havia tomado o império durante a crise. Buscaremos elucidar alguns dos sintomas acima mencionados, dando especial atenção ao fortalecimento do Cristianismo primitivo como nova orientação moral, em oposição aos valores pagãos do Estoicismoⁱ, que durante o Alto Império havia se constituído num dos pilares ideológicos da aristocracia romana.

Uma das práticas características da doutrina cristã foram as doações. Totalmente diferente da doação pagã, conhecida como *evergentismo*ⁱⁱ, essas duas práticas diferem por suas idéias, por seus beneficiários e pelas condutas que motivavam aqueles que exerceram tal prática. A doação cristã representou um espaço favorável em defesa do ideal cristão, ao passo em que se constituía num elemento de elevação espiritual de quem doa, funcionava como um elemento de difusão das idéias propostas pela fé cristã. Nessa acepção, a doação cristã adquire o sentido de caridade. No mundo romano, o *evergentismo* adquiriu um caráter político. Ele se manifestava em doações de cereais à plebe, jogos públicos, como as lutas de gladiadores, por exemplo. Para VENTURINI (1996), esse tipo de doação revestia-se de um caráter cívico e patriótico, era visto como uma obrigação a qualquer homem público, não possuindo nenhum sentido humanístico. As doações pagãs serviam para estabelecer a distância social entre os cidadãos.

Por outro lado, a doação cristã possuía um sentido humanitário e religioso. Doava-se para estar mais próximo de Deus. Abdicar dos bens pessoais e consagrar uma vida à exortação moral cristã foram elementos que passaram a nortear o pensamento da sociedade romana dos últimos tempos do império. Esses princípios estão presentes na vida de *Melânia, a Jovem*, onde podemos encontrar exemplos de caridade cristã, evidenciando uma nova ética que se constituiria na moral vigente no período tardo-romano. Sobre as doações cristãs Renata Venturini escreveu:

“Segundo os princípios cristãos, libertar-se dos bens passou a simbolizar o caminho para se chegar à perfeição moral, somente absoluta na pobreza. Novamente Paul Veyne (1976: 54) encontra uma explicação para os doadores cristãos que sacrificavam suas riquezas e negligenciavam os interesses consistentes do mundo real. Tal explicação reside no fato de que a religião foi capaz de se entrelaçar na vida cotidiana, modelando os gestos, as inflexões da voz, criando uma moral que fazia amar a Igreja e seus preceitos. Nesse sentido, a caridade tornou-se uma prática de convenção. (...)” (1996, p. 307)

Melânia, a Jovem (383-439), é uma fonte eclesiástica elaborada a partir dos escritos de São Paulino, Santo Agostinho, São Jerônimo e Rufino. Descendente de uma nobre família aristocrata romana, *Melânia, a Jovem* viveu durante o período de crise e declínio do Império Romano, denominado de Antiguidade Tardiaⁱⁱⁱ. Suas posturas constituíram-se num forte exemplo de dedicação e renúncia cristã.

Embora *Melânia, a Jovem* tenha pertencido a uma família tradicional romana, foi educada segundo os preceitos do Cristianismo. Levada a casar-se muito cedo, por imposição da família, *Melânia, a Jovem* desejava levar uma vida casta. Aos quatorze anos casa-se com Piniano, filho de um antigo prefeito de Roma, que estava na idade de dezessete anos. Seu ideal de devotar uma vida à castidade torna-se realidade junto a Piniano, e ambos assumem uma vida de renúncia material, no intuito de alcançar a pureza e castidade segundo os desígnios do Cristianismo.

Melânia, a Jovem doa todos os seus bens, propriedades e escravos. Sua reação, embora tenha sido vista com indignação pela sociedade, constitui-se na materialização de uma mudança que estava acontecendo no interior do império: o avanço e ascensão das idéias promulgadas pelo Cristianismo. Embora a sua vida tenha coincidido com o período mais conturbado para os cristãos em Roma, em razão das fortes perseguições pelo Estado romano, a atitude de *Melânia, a Jovem* evidenciava o prenúncio de uma nova tendência: a moral cristã em forte oposição a moral pagã. As doações romanas, que antes estavam estreitamente vinculadas à política, se revestiram de um sentido humanístico e religioso. Nesse sentido,

Goyau escreveu:

“Veinte años antes Del nacimiento de Melania un emperador había querido impedir a la inteligencia humana servir al Cristianismo; el Senado, a su vez, pretendiendo obligar a a Melania a seguir siendo rica, intentó cerrarle a la conciencia humana el camino del desprendimiento cristiano. El emperador Juliano se había opuesto a que el Cristianismo fuera una luz, los senadores se oponían a que la Cruz fuese una “locura”. El rol que desempeñó la Santa y las condiciones en que debió actuarlo, fueron para el nuevo Credo una victoria contra sus opositores supremos. Habiéndose empobrecido a pesar de la ley, habiéndose rebajado de condición a pesar de los prejuicios, habiendo emigrado de su casta para vivir en un contacto fraternal con sus antiguas esclavas, Melania se fue a la cuna misma del Cristianismo a servir a la nueva cultura con la finura y la destreza que ella había recibido de la antigua; y la misma audacia de este éxodo atestiguaba la ruina moral del mundo en el momento en que la entrada de Alarico en Roma, lo derrumbaba brutalmente.” (GOYAU, p. 15)

Desde o reinado de Nero, no século I d.C., os cristãos foram violentamente perseguidos pelos romanos, ora por se oporem ao poder imperial, negando reconhecer o imperador como *dominus e deus*, ora por se oporem ao paganismo romano. No período tardo-romano, a perseguição aos cristãos se institucionalizou e foi legitimada pelo Estado.

Quando refletimos sobre a perseguição aos cristãos no mundo romano, Renata Venturini (2006), afirma que existe a ausência de uma justificativa sólida e definitiva que legitimasse a perseguição aos cristãos. Como quando do grande incêndio de 64 d.C., em que o Imperador Nero atribuiu a culpa pelo incêndio aos cristãos, desencadeando um período de repressão aos adeptos do cristianismo. Entretanto, a autora afirma que quando examinamos a relação entre Estado e Cristianismo, compreendemos a fundamentação das perseguições que ocorreram durante esse período, uma vez que os cristãos não aceitavam determinadas sutilezas referentes a autoridade imperial, que era vista pelos romanos como uma figura divina. Além disso, a religião cristã não compactuava com a adoração de outros deuses nem com o fato de portar-se ao imperador como *dominus e deus*, negando render-lhe culto. Nesse sentido, a autora escreveu que:

“As grandes perseguições empreendidas pelos imperadores justificavam-se, em grande medida, pelo não reconhecimento dos outros deuses do panteão romano. Os cristãos não estavam proibidos de cultuar o seu Deus, embora estivessem proibidos de se reunir em comunidades ou igrejas. Eusébio nos oferece um exemplo singular ao produzir o diálogo entre o prefeito do Egito e o bispo Dionísio de Alexandria, no ano de 257 d.C. “Quem pode vos proibir de prestar culto aos vossos deuses, se é um deus, junto com os demais deuses naturais?”(2006, p. 213)

Encontramos, nos escritos de Pierre Grimal (1999), outra contribuição no tocante a perseguição aos cristãos. Para o autor, aos olhos de um cidadão romano, a religião cristã era

mais uma entre tantas outras no panteão romano, logo compactuar de suas doutrinas era algo comum. Entretanto, os adeptos da nova religião negavam render culto aos deuses pagãos, sendo este, um dos principais atributos da perseguição. Nesse sentido, Grimal escreveu:

“Os não-Judeus mostram-se geralmente receptivos à prédica cristã. Há tantos profetas e taumaturgos que andam de cidade em cidade! Assim, quando Paulo e o companheiro Barnabé, em Listres, na Ásia Menor, fazem um milagre, restituindo a um enfermo a faculdade de andar, a multidão vê nos dois homens a encarnação de Zeus e Hermes e quase sacrifica um boi em sua honra. O povo, nesta mesma Ásia, não se comportara de maneira diferente em relação a Apolônio de Tiana. Havia sempre lugar, no paganismo desse tempo, para novas formas de culto. Mas é precisamente isso que os cristãos não podem aceitar. A sua verdade é única(...) A sua intransigência nesse ponto será uma das causas das perseguições que vão ser vítimas. Reunidos em comunidades mais homogêneas e secretas (não era admitida qualquer pessoa) do que as que congregavam os fiéis das outras religiões, dão lugar a calúnias(...) Todas essas calúnias dão origem a que a inclusão na seita seja considerada por si só um crime. Os suspeitos são abrigados a comparecer perante o tribunal do governador, nas províncias, ou perante o prefeito da cidade, em Roma. Têm de provar que não são cristãos, aceitando, por exemplo, sacrificar imagens, as das divindades pagãs. Se persistirem na sua fé, serão executados. É esta a lei, pelo menos desde o tempo de Trajano.(...)’ (1999, p. 129)

Um dos fatores que contribuíram para a ascensão do Cristianismo como novo pilar ideológico da sociedade romana tardia foram as crises que o império enfrentava, cada vez maiores, mais freqüentes e com conseqüências mais dolorosas, elas geravam no seio da sociedade indignação e incertezas. A moral estoíca, concebida como modelo de sabedoria, sensatez e virtude não respondia a uma necessidade que se fazia cada vez mais patente, trazer luz a uma sociedade sob trevas. Trevas também de incredulidade aos antigos deuses pagãos, indiferentes às petições dos homens, fazendo com que os romanos encontrassem cada vez mais conforto e confiança nos preceitos cristãos.

Essa mudança que, a princípio revelava-se espiritual e moral, fez sentir-se em todos os aspectos da sociedade, inclusive econômicos e políticos. Embora essa mudança tenha causado rupturas dolorosas, pois o conflito entre Estoicismo e Cristianismo era latente, em alguns aspectos a absorção desse novo ideário ocorreu com mais facilidade, isso porque o Cristianismo absorveu muitas idéias já exposta pelo próprio paganismo. Tais como a idéia de pecado, a imperfeição humana diante da perfeição divina, a busca por um bem maior, para os pagãos o “soberano bem”, para os cristãos o “Paraíso”.

A crise que se acentuou a partir do século III, que caracterizou a Antiguidade Tardia, acabou por favorecer a consolidação das idéias cristãs em oposição às idéias pagãs. Aquilo que para os filósofos estoícos era chamado de *Soberano Bem* passou a ser para os cristãos a justiça, caridade, bondade para estar mais próximo de Deus. As paixões, vícios da alma para o

estóico, para o cristão fomentaram a construção da idéia de pecado. Muitos romanos buscavam conforto nas crenças religiosas cristãs, porque as crenças pagas já não transmitiam segurança. O cristianismo encontrou, na gênese da crise, o espaço ideal para a difusão dos seus preceitos, propondo uma vida feliz e eterna.

Sob a proteção do imperador Constantino, que durante seu reinado consagrou o Cristianismo como religião oficial do Império, essa doutrina fortaleceu-se e expandiu, encontrando adeptos em todo território romano. Esse período coincidiu com as grandes peregrinações à Terra Santa, pois sob seu reinado foram erigidas inúmeras Igrejas e templos, sobretudo em Jerusalém, onde abrigavam diversas relíquias que atraíam os peregrinos. Nesse sentido, Novoa escreveu:

“Tras las crueles persecuciones de los cristianos, El edicto de Milán Del 313 tolera La nueva religión y Constantino devuelve los bienes confiscados a La Iglesia. Enseguida se implica personalmente en apoyo de La nueva religión, elevando el rango de los obispos y haciendo surgir una rica y variada arquitectura en lugares sagrados de Roma, Constantinopla, y otras ciudades. Su madre, santa Helena visita Jerusalén y secunda las iniciativas del obispo Macario, quien descubría el lugar de la muerte y sepultura de Cristo, bojo el foro y un templo pagano; más tarde lograrían hallar la verdadera cruz de Cristo. La noticia se expandió por todas las comunidades cristianas y el mismo emperador ordenó la construcción de un suntuoso edificio que albergara el lugar sagrado y la cruz (iglesia del Santo Sepulcro). (...) La tradición consideró a santa Helena como la principal impulsora de la actividad constructiva de su hijo en Tierra Santa.” (2003, P.76)

Ainda sobre Constantino, e suas contribuições às igrejas em Jerusalém, Goyau escreveu:

“No tardarían en cumplirse los cien años de la fecha en que el emperador Constantino, desterrando a Venus de la Roca del Calvario, había ordenado se construyese en aquel mismo lugar en honor de Cristo el más grande y el más hermoso templo del universo. Ya la octogenaria Santa Elena había oficialmente glorificado en Palestina, con la erección de dos basílicas, la venida de Cristo sobre la tierra y su ascensión al cielo. Regocijada de este modo la Cristiandad, la Tierra Santa se convirtió en seguida en un lugar de peregrinaciones.” (s/d p. 160)

Junto com esses templos, foram surgindo outras edificações secundarias, como hospitais e monastérios para atender as necessidades da população e peregrinos doentes, também estavam à serviço do culto. Jerusalém tornou-se, portanto, um importante pólo de atração para a crescente cristandade que se multiplicava do ocidente ao oriente.

Sabemos que existiram peregrinações esporádicas desde o século III d.C.; entretanto, somente no reinado de Constantino, que atuou de forma expressiva na defesa do Cristianismo, bem como a valorização das relíquias sagradas^{iv}, que as peregrinações revestiram-se de significativa importância ao longo dos séculos IV e V d.C., desencadeando contínuas viagens

à Terra Santa. Nesse período, encontramos personagens que atuaram de forma expressiva na história do Cristianismo primitivo, cujo papel exercido, tanto na peregrinação, quanto na difusão do ideário cristão, representaram verdadeiros mártires e exemplos de fé e devoção religiosa, como no caso de Melânia, a Jovem.

Portanto, em meio ao declínio moral, político e econômico da sociedade romana, o Cristianismo encontrava na gênese da crise, a força que necessitava para alcançar seu êxito: a defesa de uma vida menos mundana em busca da santificação.

Notas

ⁱ Segundo BRUN (1986), a doutrina estoíca propunha que o homem deveria viver em harmonia com a natureza. Deveria levar uma vida pautada na busca da sabedoria até se aproximar, o máximo possível do Soberano Bem. Para o Estoicismo os vícios e as paixões constituíam distúrbios da alma, e tinham por conseqüência a infelicidade humana. Encontramos nos escritos do filósofo estoíco *Lucius Annaeus Seneca* (4 a.C. – 65 d.C.) a síntese da moral estoíca. Sêneca foi um dos principais difusores dessa doutrina durante o Principado Romano. Durante o Alto Império, os romanos representavam sua visão de mundo através dessa doutrina, valorizando a tradição fundamentada na ética estoíca, que deveria ser buscada no modelo da aristocracia, representante da autoridade e do poder político.

ⁱ Expressão de origem francesa, não existe correspondente para o português, criado por Paul Veyne, esse termo é usado para denominar as doações públicas exercidas por membros da aristocracia romana no cotidiano político, seu correspondente latino é a palavra *beneficentia*, por isso optamos por usar a expressão francesa.

ⁱⁱ Expressão de origem francesa, não existe correspondente para o português, criado por Paul Veyne, esse termo é usado para denominar as doações públicas exercidas por membros da aristocracia romana no cotidiano político, seu correspondente latino é a palavra *beneficentia*, por isso optamos por usar a expressão francesa.

ⁱⁱⁱ Segundo Renan Frighetto, devemos lançar nosso olhar crítico com relação a esse conceito, historicamente recente, de Antiguidade Tardia. Em linhas gerais, até bem pouco tempo os limites cronológicos impostos à Antiguidade ditavam o seu “fim” no século V, coincidindo essa centúria com a desagregação política do Império Romano do Ocidente. Porém, referimo-nos nesse caso ao campo político e com certa dose de fatalismo. Os enciclopedistas e iluministas acentuaram o “triunfo da religião” como causa imediata da queda do império nos territórios ocidentais. Durante gerações essa idéia esteve presente no imaginário dos historiadores, filósofos e filólogos, para citarmos alguns dos mais insignes representantes das ciências das humanidades. Para nossa sorte, desde o surgimento da corrente dos Annales o que antes aparecia como certeza absoluta passou ao âmbito das hipóteses: será que a Igreja foi responsável pela desestruturação política do Império Romano na *Pars Occidentalis*? Essa e outras várias outras perguntas foram colocadas e apontavam para a existência de permanências e continuidades em todos os quadrantes, do político ao econômico, do cultural ao social.

^{iv} (...) Diversas relíquias que atraerán poderosamente la atención de los peregrinos: la columna de la flagelación, la lanza que abrió el costado de Cristo, el cáliz de los apóstoles, el trono de Santiago como primer obispo de Jerusalén, su huesos e los de otros apóstoles. (NOVOA: 2003, p. 78)

Referencias Bibliográficas

Fonte Impressa

GOYAU, Georges. *Sainte Mélaine*. Paris: Editions du Cerf, 1962.

_____ *Santa Melania*. Buenos Aires: Editorial Catalina, s/d.

Bibliografia

ALFÖLDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: ÁRRIES, P e DUBY, G. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil*. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BROWN, P. *O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972

BRUN, Jean. *O Estoicismo*. Edições 70, 1986.

FRIGHETTO, Renan. Permanências e Continuidades: A Humanistas na Antiguidade Tardia Ocidental. In: LUPI, João e JÚNIOR, Arno Dal Ri. *Humanismo Medieval: caminhos e descaminhos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GIARDINA, Andréa (dir). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença: 1992

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. *Libros de viajeros hispánicos medievales*. Madrid: Ediciones Laberento, 2003.

MAZARINO, Santo. *O fim do mundo antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991

NOVOA, Feliciano (coord.) *De Finisterre a Jerusalén: Egéria y los primeros peregrinos cristianos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003.

VENTURINI, Renata Lopes B. Paganismo e cristianismo no mundo romano. In: MELO, José Joaquim Pereira; PIRATELI, Marcos Roberto. (Orgs.). *Ensaio sobre o Cristianismo na Antiguidade: História, Filosofia e Educação*. Maringá: Eduem, 2006. p. 203-227

VENTURINI, Renata Lopes B. Visão Pagã e Visão Cristã no Baixo Império Romano. In: *Phoênix – Laboratório de História Antiga*. Ano 1 (1996), Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: ÁRIES, P e DUBY, G. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil*. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.